

MISSÃO DE SÃO MIGUEL DE UNA.

FREI VENÂNCIO WILLEKE, O.F.M.
Convento de São Francisco. Olinda (Pernambuco).

A conquista da costa sul-pernambucana exigiu várias campanhas dispendiosas que duraram de 1554 a 1571 e, em parte, visaram a vingar a morte do 1º Bispo do Brasil Dom Pedro Fernandes Sardinha e de sua numerosa comitiva ocorrida em junho de 1556. As sangrentas batalhas terminaram com a derrota definitiva dos silvícolas caetés por Duarte Coelho de Albuquerque (1).

A fertilidade das terras atraiu, desde logo, os colonos de além-mar e das capitânicas vizinhas (2), e dentro em poucos anos predominava no litoral a cana-de-açúcar dando margem ao levantamento de muitos engenhos.

Quanto à atividade missionária a desenvolver na capitania de Pernambuco, afirma o Pe. José de Anchieta em 1584:

“Nunca houve nela conversão do gentio”.

Foi nesse mesmo ano que os jesuítas começaram a pregar missões nos engenhos e nas fazendas visando principalmente aos negros de Guiné e aos índios empregados nos canaviais. Conseguido assim o contacto com as malocas dos silvícolas estenderam aos poucos a atividade apostólica também a êstes (3).

Em 1590, já existia a freguesia de São Miguel de Ipojuca, regida pelo P. Gaspar Neto, enquanto, na capela filial de Santa Luzia do Engenho Tabatinga, exercia as funções de capelão o P. Cosmo Neto (4).

- (1). — Frei Vicente do Salvador OFM, *História do Brasil*, São Paulo 1965, pág. 165 (citado *Salvador*); — F. A Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, I-VIII. Recife, 1951ss, vol. I, pág. 315s, 351, 353. (cit. *P. Costa*).
- (2). — P. Costa, 398.
- (3). — Frei Odulfo van der Vat OFM, *Princípios da Igreja no Brasil*. Petrópolis, 1952, pág. 174. (cit. *Vat*).
- (4). — *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil — Denúncias de Pernambuco*. São Paulo, 1925 pág. 172s & 256ss. (cit. *Primeira Visitação*); — Fr. Venâncio Willeke OFM, *O Convento de Santo Antônio de Ipojuca* in “Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional”, Rio de

As primeiras missões de que temos notícia no sul de Pernambuco são as de Nossa Senhora da Escada, fundada pelos jesuítas, depois de 1589 às margens do rio Ipojuca (5), e a de São Miguel de Una ou Iguna, cuja data de fundação não consta ao certo (6).

Informa-nos sobre a última aldeia o seguinte relatório de Luís Gomes, vaqueiro que trabalhava para à viúva Dona Margarida Álvares em Una, freguesia de Ipojuca (7).

Lá pelos fins de 1593, ocorrendo uma festa de guarda, ia Luís Gomes assistir à missa, na aldeia de Una; encontrando-se com Antônio Gonçalves, por alcunha o “Matuca”, começaram a discutir sobre os clérigos. Em outra ocasião, antes ou depois, conversaram sobre os frades, dizendo o “Matuca”

“que se êle tivera vinte negros, todos mandara buscar cepos para fazer baraços para os frades”.

Logo porém todos o repreenderam, por causa dessas palavras. Denunciando Luís Gomes aquelas palavras ao visitador do Santo Ofício, êste lhe perguntou se as palavras se dirijiam contra algum clérigo ou alguns frades em particular ao que Luís Gomes respondeu que se falara em geral, sem se declinar nome algum

“mas, que quanto é dos frades lhe parece a êle, denunciante, que êle (o Matuca) o dizia pelos capuchos que doutrina os gentios da aldeia de Una, porque os ditos capuchos repreendem o dito Antônio Gonçalves que não esteja amancebado e viva bem” (8).

A concluir pela narração de Luís Gomes, os missionários capuchos ou franciscanos, já em 1593 residiam na aldeia de Una catequizando os índios e prestando assistência religiosa aos colonos. Mas, como tantas vêzes na história das missões, os arautos evangélicos se escondem no ingrato anonimato, constando apenas os nomes de dois missionários franciscanos que em princípios do século XVII mourejarão entre os caetés de Iguna: Frei Luís da Anunciação, apelidado “o santo” e seu companheiro Frei João da Assunção (9).

Janeiro, vol. 13, 1956 pág. 12-14. Pereira da Costa e outros autores desconhecendo a *Primeira Visitação* consideraram a paróquia de Ipojuca mais nova.

- (5). — Pe. Serafim Leite S. J., *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, 1938ss, tomo V. pág. 344 (cit. Leite).
- (6). — *Primeira Visitação*, pág. 263; — Vat. pág. 181.
- (7). — *Primeira Visitação*, pág. 256.
- (8). — *Ibidem*, pág. 263. Conclui-se do caso referido a funesta influência que exercia sobre os caetés a convivência com certos colonos mal procedidos.
- (9). — Frei Antônio de Sta. Maria Jaboatão OFM, *Novo Orbe Seráfico Brasileiro*, Rio de Janeiro 1858-9. I, 2 pág. 323 (cit. Jaboatão). *Este Autor* não conta detalhes da missão de Una. — P. Costa III, p. 53.

O primeiro cronista franciscano a tratar da missão de Una foi Frei Manuel da Ilha da província de Santo Antônio de Portugal, atribuindo êste a fundação a Frei Melchior de Santa Catarina Vasconcelos, custódio da Ordem no Brasil de 1585 a 1594 e frisando mais que se deu, depois de aceitas as missões da Paraíba, ou seja a partir de 1589 (10). Conforme as duas fontes acima, a fundação da missão franciscana de Una teria sido realizada, entre os anos de 1590 e 1593.

Fixado o tempo da fundação de São Miguel de Una, reproduzamos o texto de Frei Manuel da Ilha, até o presente inédito, que baseia sôbre notas do segundo custódio Frei Leonardo de Jesus (1594-1597 e 1606-1609), sôbre a *Crônica da Custódia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, OFM, desde há muito desaparecida, e sôbre dados de outros confrades missionários, visto que o próprio autor nunca esteve no Brasil (11).

A DOCTRINA DE SÃO MIGUEL DE IGUNA / CUSTÓDIA DE SANTO ANTÔNIO DO BRASIL / SEGUNDA DOCTRINA.

Conforme anteriormente foi dito, o religioso P. Frei Melchior de Santa Catarina já tomara sob a sua responsabilidade e tutela as doutrinas e aldeias da Prefeitura da Paraíba para trazer todos os seus pagãos ao conhecimento da nossa sagrada religião católica. Neste afã, Frei Melchior e seus confrades suportaram graves incômodos, segundo abaixo se dirá. Nunca porém desistiu de levar avante tão santo apostolado. Muito pelo contrário; inflamado cada vez mais pelo Espírito Santo e repleto do zelo pelas almas entregou-se inteiramente e junto com seus religiosos à redução e conversão de outros gentios que habitam as margens do rio Iguna, vinte léguas distante da cidade de Paranambuco, i. e na parte sul da mesma prefeitura (12), portanto a conversão e benevolência dêles tornava-se de suma utilidade, tanto a bem de suas almas, como para favorecer a defesa dos próprios cristãos contra os demais pagãos, mais malvados, cruéis e hostis e que lá abandonados em tocas escolhiam a selva seu *habitat*, donde costumavam atacar os fiéis com veemência tal que êstes não podiam cultivar a terra nem colher safras (13).

Desde quando, porém, os arautos evangélicos entraram em contacto com êles, reduziram-nos, pouco a pouco, à verdadeira fé, batizando mesmo as crianças, catequizando segundo a praxe aos pais e

(10). — Frei Manuel da Ilha OFM, *Divi Antonii Brasiliae Custodiae enarratio seu relatio* (ms. de 1621) fl. 293 (cit. *Ilha*).

(11). — Frei Leonardo de Jesus confirma a veracidade do ms. de Ilha às fls. 287, 300 & 311 do mesmo ms. — As passagens que Ilha ao certo transcreveu da Crônica da Custódia do Brasil vêm assinaladas em *Salvador* (História do Brasil) pág. 35 nota 3 e no meio dos respectivos textos.

(12). — A Prefeitura apostólica de Pernambuco foi criada em 1611, sendo lhe anexada a Paraíba em 1614 (Cf. *Salvador* pág. 344, nota 1).

(13). — Sob o pretexto de sofrerem constantes ataques dos tabajaras, foi que os habitantes da capital paraibana e de Goiana haviam solicitado missionários franciscanos para pacificação dos índios belicosos.

a todos os demais que, tocados pelo Espírito Santo, ùltimamente descem dos montes e das matas virgens (14).

Neste *munus*, prestam a Deus o seu relevante serviço diário quatro franciscanos que sempre os acompanham ao abrigo parecido com um convento que os mesmos neófitos construíram de madeira e taipa, junto com uma espaçosa igreja (15).

Além da instrução religiosa que os franciscanos ministram àquêles gentios, ensinam ainda aos filhos dêstes a ler e escrever. Muitos dentre êles revelam pronunciada habilidade na arte música, seja cantando, seja tocando os instrumentos pelo que acompanham o culto divino, nos dias festivos (16).

Êstes pobres de Cristo como os de outras missões e aldeias alimentam-se de farinha que os próprios índios fabricam das raízes de certa planta por êles cultivada. Apreciam também a carne de animais silvestres e de peixes que respectivamente pescam e caçam; pois, nisto demonstram rara destreza e engenho, entregando-se de tôda a alma a tais afazeres.

Em tempo algum, usam de vestes, mas andam nus, nada tendo de próprio, visto tudo ser entre êles comum. Os franciscanos, porém, estabeleceram em todos as suas missões a lei de que ao menos tôdas as mulheres, em suas visitas à igreja, trajem vestimenta, em atenção ao decoro. Deixando-se, porém, levar quase sempre pelos instintos da natureza, tiram o vestido ao saírem do templo sobraçando-o até à casa (17).

Nesta primitiva comuna de malocas indígenas, acontecem muitas coisas dignas de menção, embora nem tudo se possa levar ao papel, fatos em que o clementíssimo Deus quis manifestar a sua onipotência para fortalecer êstes neófitos em sua santa fé católica, assim como também para os méritos do nosso beatíssimo Pai Francisco valerem aos seus devotos e amigos de sua Ordem, conforme ficou patente em certo índio desta missão, já enriquecido pelo santo batismo, pela luz da fé, como ainda amigo devotado dos franciscanos.

Êste, mordido por uma serpente venenosa e prestes para morrer, mas alumiado pelo Divino Espírito mandou com a maior devoção e insistência os religiosos a fim de expiar os seus pecados. Êstes prontamente lhe assistiram e quando já estava no meio da confissão

-
- (14). — Cf. Frei Venâncio Willeke OFM, *A Praze adotada pelos Franciscanos nas missões entre os índios* (1585-1619) in *Vozes*, (Petrópolis) (Ano 57, abril de 1963 pág. 270-278. (cit. Willeke).
- (15). — Parece ter havido na construção do abrigo-convento alguma influência de franciscanos espanhóis, que adotaram o sistema em Mbiazá (Santa Catarina entre os carijós) (1537-1548) e alhures. Esta hipótese parece verossímil porque Frei Luís da Anunciação ainda no Brasil se correspondia com seu amigo espanhol Frei Luís Bolanhos OFM, o que idealizara as primeiras reduções.
- (16). — Os cânticos e as festinhas dos pequenos índios eram também apreciadas pelos adultos (Cf. Salvador pág. 351).
- (17). — A aparente aversão aos vestidos deve-se à acentuada respiração da cútis, própria a todos os silvícolas (Cf. Willeke pág. 275).

sacramental sobreveiu-lhe um enfraquecimento mortal passando o sacerdote a absolvê-lo naquele perigo.

E transcorrido embora um grande lapso e querendo os circunstantes presenciar admirados o desenlace desconfiando já da cura, pois, reputavam-no morto, de chofre êle reviveu como que despertado de um sono e afirmando que se achava são e sem dores. Os irmãos e demais assistentes que se regozijavam com o que fôra curado queriam despedir-se dêle quando lhes disse: “Demorai-vos enquanto vos conte eu que maravilhas divinas apreciei, nesta hora, com êstes meus olhos. Deu-se o seguinte: — Eu partira realmente desta vida, arrastado pelos demônios para uma tôrre mui alta, donde me queriam precipitar no inferno que eu via repleto de animais ferocíssimos e horríveis, queimados pelo fogo. Mas, no momento preciso em que me iam lançar dentro, acudiram-me três frades santos entre os quais sobressaía como principal São Francisco, tendo as mãos e os pés marcados com os estigmas sagrados conforme aparece no quadro da nossa igreja, vindo porém desta vez revestido de alva, amito e estôla, enquanto os seus companheiros apresentavam luzes acesas nas mãos.

O Santo me livrou das garras do demônio exclamando em alta voz: — Êste é meu filho — e logo me abandonaram escapando eu destarte daquele escuro e tenebroso abismo, segundo estais vendo”.

Estupefactos pelo caso da repentina salvação, os religiosos e demais presentes não deixaram de experimentar certa dúvida. Decorridos vários dias, os próprios frades e outras pessoas fizeram as suas perguntas ao índio curado, e isto diversas vêzes, para verificar se daria outra versão, segundo costumam praticar os indígenas. Êle porém repetia cada vez o mesmo teor.

Neste fato, patenteou Deus bondoso e infinito a sua piíssima compaixão e os méritos de nosso Pai Francisco, pelos quais livrou a êste homem de tão iminente perigo, concedendo-lhe vida e saúde e salvando-o, na hora extrema” (18).

A localização de Una tem dado margem a equívocos. Una ou Iguna designava de primeiro o rio que, nascendo acima de São Bento de Una e percorrendo tôda a capitania de Pernambuco, desemboca além de Barreiros e perto do limite alagoano. A missão de São Miguel de Una ficava ao sul do mesmo rio, um quilômetro ao sul da atual cidade de Barreiros, cuja matriz herdou o orago da antiga missão, ao passo que a sede da paróquia de São Gonçalo de Una e o povoado de Vau de Una ocupavam o lado oposto do rio (norte).

A criação da paróquia de São Gonçalo e Nossa Senhora da Purificação de Una deve remontar aos princípios do século XVII, porque em 1624 ou 1625, Diogo Pais Barreto fêz doação do monte em que está situada a matriz de São Gonçalo, padroeiro da mesma,

(18). — Ilha, fl. 293v — 294v. O original aparece em latim.

para o seu patrimônio (19), e nos documentos holandeses figuram os engenhos confiscados em 1637 como pertencentes à freguesia de Una (20).

O que no fato ocorrido com o índio caeté interessa vivamente é que na igreja de São Miguel já existia um grande painel de São Francisco estigmatizado, como em geral os quadros ainda substituíam as imagens e que os índios já veneravam a São Francisco das Chagas como padroeiro dos agonizantes e guia das almas, devoção que transparece nos azulejos e quadros dos nossos conventos de Olinda e Salvador, onde o Santo livra das chamas do purgatório as almas de “seus devotos e dos amigos de sua religião”.

A atividade missionária dos franciscanos de Una não se restringia aos seus aldeados, mas visitavam também as malocas vizinhas, embora seus habitantes ainda fôsem bravos. Do contrário, não teriam conseguido a paz com a própria aldeia e as fazendas da zona. O resultado do apostolado franciscano em Una e nas redondezas não deixou de aparecer: além das inúmeras conversões verificadas na sede da missão, os caetés de Pôrto de Pedras solicitaram também a presença dos abarés naquele litoral alagoano, desêjo êste que se realizou em 1597, cabendo pois aos filhos de São Francisco a primazia da catequese entre os silvícolas das Alagoas (21).

Uma vez criada a missão do Pôrto de Pedras diminuiu o trabalho para os franciscanos de Una, razão por que em lugar de quatro religiosos que havia primeiro, ficaram apenas dois.

Ignorando outros detalhes da missão de Una, podemos apenas conjecturar que por volta de 1619 tenha sido entregue pelo Prefeito apostólico ao clero secular, como as demais aldeias até então curadas pelos religiosos das várias Ordens. Como os franciscanos se negassem a reassumir as missões depois de terem falhado os padres diocesanos, incumbiram-se os jesuítas de Una, mais ou menos em 1624, tendo que enfrentar os horrores da guerra holandesa.

Conseguiram os inacianos impedir que os seus novos aldeados ficassem a serviço do inimigo batavo. Temporariamente retiraram-se os caetés sob a chefia dos missionários, levantando afinal nova igreja às margens do rio Piracinunga, visto que o Una servia de frente militar (22).

(19). — P. Costa, III pág. 54.

(20). — *Ibidem*, pág. 54s. — Vasconcelos Galvão atribuindo a fundação da paróquia de Una ao bispo D. Marcos Teixeira, precisa o ano de 1631. Entretanto, D. Marcos já falecera em 1624 (Cf. Salvador pág. 458-459).

(21). — Ilha, fl. 295; — P. Leonard Lemmens OFM, *Geschichte der Franziskanermissionen*, Muenster 1929, pág. 273, nota 13.

(22). — Leite, tomo III, pág. 346.

Completando a narração dos acontecimentos bélicos afirma Peireira da Costa que, em 1636, os holandeses invadiram a missão nada escapando do que restava,

“nem mesmo a própria igreja que deixaram saqueada e bastante danificada e fora do altar e aos pedaços a imagem do seu padroeiro que o tenente general Andrade recolheu e colocou de nôvo no seu lugar até que se fizesse outra” (23).

Após a capitulação dos batavos (1654), foi restaurado o aldeamento de Una, em época desconhecida. Decretada em 1680 a liberdade dos índios, impôs-se a urgência de reuní-los em aldeias para garanti-los no pleno uso da liberdade contra a exploração dos colonos. Da administração incumbiam-se os missionários das diversas Ordens.

Assim se explica que, em 1681, já estava reorganizada a missão de Una, segundo consta da provisão de 28 de fevereiro dêsse ano mandando pagar a ordinária de 30\$000 anuais ao religioso que nela assistia. Outro ato régio do mesmo ano autorizava o pagamento de tudo quanto fôsse necessário aos religiosos missionários (24).

Tendo saído lapsos e omissões na reprodução da provisão que concede a ordinária a duas missões franciscanas, fazemô-la seguir abaixo na íntegra, segundo uma cópia do Arquivo Provincial Franciscano do Recife (25):

“Eu o Príncipe como Regente e Governador dos Reinos de Portugal e dos Algarves. Faço saber aos que esta minha provisão virem que tendo respeito ao que se me representou por parte do Provincial da Província de Santo Antônio do Estado do Brasil sôbre na repartição que se fêz das aldeias dos índios na capitania de Pernambuco caber àquela Província as duas aldeias de Una e São Miguel nas Alagoas em cada uma das quais assistem dois religiosos cujo exercício se dedica à salvação das almas daquele gentio doutrinando-os e encaminhando-os à fé católica e porque os ditos religiosos padecem necessidades pela limitação do sustento daqueles sertões faltando-lhe (*sic*) o necessário para a fábrica das igrejas e celebração dos sacrifícios da missa; e os mais missionários daquele Estado tem todos suas ordinárias; e tendo a tudo consideração e ao que sôbre êste requerimento informou o governador Aires de Sousa de Castro, e resposta do procurador de minha fazenda a que se deu vista. Hei por bem e mando ao procurador da fazenda da Capitania de Pernambuco assista aos ditos Padres com a ordinária de trinta mil réis a cada aldeia para hóstias e mais fábrica necessária para as igrejas.

(23) . — P. Costa, vol. III, pág. 53.

(24) . — *Documentos Históricos* (da Biblioteca Nacional) vol. XXVII. Rio de Janeiro, 1934, pág. 424s.

(25) . — Arquivo Provincial Franciscano do Recife (cit. AP) 26 fl. 1.

Se cumpra e guarde esta provisão e faça cumprir e guardar inteiramente como nela se contém, sem dúvida alguma, que valerá como carta e não passará pela Chancelaria sem embargo da ordenação do livro segundo, páginas 39 e 40 em contrário, e se passou por duas vias uma só haverá efeito. Manuel Pinheiro da Fonseca a fêz em Lisboa a vinte e oito de fevereiro de seiscentos e oitenta e um anos. O Secretário André Lopes da Lavra a fêz escrever. — Príncipe. O Conde de Val de Reis Presidente. Provisão por que V. A. há por bem e manda ao procurador da fazenda da capitania de Pernambuco assista às aldeias de Una e São Miguel das Alagoas com a ordinária de trinta mil réis a cada uma para hóstias e mais fábricas necessárias para as igrejas que couberam por repartição aos religiosos da província de Santo Antônio, como nesta se declara. Passou-se por duas vias. Para V. A. ver e assinar. Por resolução de S. Alteza de nove de fevereiro de seiscentos e oitenta e um, em consulta do Conselho Ultramarino de vinte e nove de janeiro do mesmo ano. Cumpra-se como S. A. manda e registre-se nos livros da Secretaria do Estado e nos da Fazenda Real dêle. Bahia e junho seis de 1681. Roque da Costa Barreto. Registada nos livros da Secretaria do Conselho Ultramarino a fôlhas 263. Em Lisboa 13 de março de 1681. André Lopes da Lavra. Registe-se e firme-se seu assento na fôlha secular daquela Capitania. Bahia e junho sete de 1681. Antônio Lopes de Ulhoa. Registada no livro oito dos registos da fazenda Real do Estado do Brasil a que toca na forma do despacho acima. Bahia e junho onze de 1681. M. Dias da Costa. Cumpra-se e registre-se na forma que S. A. manda, Recife dois de maio de 1681. João do Rego Barros. Registada no livro sétimo livro dos registos da Fazenda Real desta capitania de Pernambuco a fls. 201v, em três de maio de 1681. Francisco Barreto de Moraes. Registada no livro dois dos registos da Secretaria do Estado do Brasil o que toca a fls. 228. Bahia e junho seis de 1681. Bernardo Vieira Riasco”.

A concluir pelo texto acima e pela consulta do Conselho Ultramarino (Lisboa 29. I. 1681), favorável à petição dos franciscanos que suplicavam a ordinária para as duas missões de índios a atividade missionária dos religiosos deve ter principiado em 1680 (26), embora as primeiras nomeações de missionários constem apenas de 1681 (27); foram êles Frei Manuel das Chagas e Frei Lourenço de Jesus Maria os quais encontraram abundante serviço, em virtude dos últimos tumultos de guerra, epidemias e debandadas, tão prejudiciais à vida da missão.

Também desta vez os franciscanos prosseguiram no método adotado de princípio visitando as malocas da redondeza a fim de atra-

(26). — Arquivo Histórico Ultramarino-Pernambuco avulsos, cx. 7 (1680-6).

(27). — AP 1 pág. 130 (de 13. XII. 1681).

ir ainda outros índios à missão onde a catequese se tornaria mais frutífera e o ambiente mais propício para a sincera conversão.

No intuito de garantir a manutenção e independência dos índios o governo colonial concedeu, em 1700, uma légua quadrada de terra a cada aldeia que contasse ao menos cem casais, ao passo que aldeias menores a 80 casais deveriam ser reunidas a outras. Por isso os missionários procuravam completar o número dos casais cada vez que epidemias, sêcas, guerras e debandadas acabavam de dizimar os aldeados. Em virtude da mesma lei, foram em 1740 reduzidos a um só aldeamento os do termo de Sirinhaém, passando todos os aldeados à missão de Una, uma vez que a Guerra dos Mascates, em 1710, assolara a zona de Una, deixando a aldeia arruinada e as plantações incendiadas, porque na missão de São Miguel se destacara um regimento de infantaria de índios (28).

As fontes franciscanas mal mencionam a segunda gestão franciscana em Una, constando apenas a morte de Frei Plácido da Purificação ocorrida nesta missão em 1727 (29) e retirando-se os frades em 1742 ou 1743; pois, a congregação capitular de junho de 1742 ainda nomeou um missionário, o que não se repetiu no capítulo provincial de dezembro de 1743. Ignoramos o motivo da entrega.

Em lugar dos franciscanos, entraram os carmelitas da observância, sobre cujo apostolado missionário nada sabemos. Em 1749, a missão figura sob o nome de São Miguel de Barreiros, sendo posteriormente substituída pela atual sede da paróquia homônima (30).

A catequese franciscana junto aos caetés de Una constitui o primeiro avanço da religião e civilização cristã entre as temíveis tribos sul-pernambucanas e alagoanas. Embora derrotados pelas tropas coloniais, os belicosos filhos da selva continuavam hostis aos colonos, ora devastando-lhes as plantações, ora matando o gado e os vaqueiros. Onde o braço armado dos portugueses falhava na pacificação dos espíritos rebeldes impunha-se a influência dos arautos da paz a pregarem a doutrina e a caridade cristã.

Se o Custódio franciscano Frei Melchior de Santa Catarina atendeu ao pedido do governo colonial enviando seus melhores missionários a evangelizarem os irreconciliáveis inimigos, foi tão somente confiado na graça divina. E de fato, a cruz na mão dos abarés abrandou os guerreiros caetés e o evangelho anunciado e vivido pelos re-

(28) . — P. Costa, III, pág. 53 & 54.

(29) . — AP 13 nº 8.

(30) . — Jaboatão, II, pág. 803; Olímpio Costa Jr. *A Aldeia de Barreiros ou de Una, antigamente de São Miguel de Igua* in "Revista do Norte", Nº 1 (abril de 1942, sem indicação de páginas. — A última referência de Una aparece em 1760 (AP 26 fl. 28) notificando-se, nos inventários das missões, que as alfaias de Una passaram para a missão de Santo Antônio do Pajeú.

ligiosos operou a transformação desses pagãos antropófagos em filhos dóceis da Igreja de Cristo.

A soma de trabalhos e suores suportados pelos missionários durante dois séculos não ficaram infrutíferos. À medida que a religião e a civilização cristã penetravam, os índios sentiam-se ligados as demais raças de modo que os invasores holandeses encontraram como barreira principal e intransponível o baluarte de uma mesma religião a congregar a heterogênea população do litoral nordestino.

Convencido da importância da catequese o ex-missionário Frei Vicente do Salvador escreve de própria experiência:

“E’ tão necessário ao bom govêrno do Brasil zelarem os governadores a conversão dos gentios naturais e a assistência dos religiosos com êles que, se isto viesse a faltar, seria grande mal, porque, como êstes índios não tenham bens que perder por serem po-bríssimos e desapropriados e por outra parte tão variáveis e inconstantes, que os leva quem quer, fãcilmente se espalham donde não podem acudir aos rebates dos inimigos, como acodem das doutrinas em que os religiosos os têm juntos” (31).

Sob todos os aspectos, a missão de São Miguel de Una, primeiro núcleo cristão entre os caetés, ocupa uma das páginas mais gloriosas nos anais eclesiásticos do Brasil, comprovando que o crucifixo na mão do missionário e a palavra de Deus encontraram corações dóceis, onde a espada provocara ódio e vingança.

*

* *

APÊNDICE.

A título de curiosidade, segue aqui um documento inédito encontrado no Arquivo Histórico Ultramarino (de Lisboa) [Pernambuco avulsos cx. 23 (1734)], quiçá o único escrito assinado por um franciscano de Una e conservado até o presente.

“Certefico eu Frey Joseph do Desterro Religioso de Nosso Padre S. Francisco, e missionario da missão de S. Miguel de Una que he verdade que o governador D. Antônio Domingos Camarão sempre fora muito leal ao servisso de Sua Magestade como forão todos os seos antepassados e que nelle nunca se vira treissam nem ser desleal ao seu real servisso mas antes sempre lhe ouuira dezer que hua vida que Deus lhe dera estaua muito pronta para a perder em defença da coroa de sua Real Magestade; e também sempre sujeito e humilde como filho da higreja a seos Padres missionarios e

(31). — Salvador, pág. 343; Ilha, fl. 299v-300r.

a seos mandatos e por assim ser verdade tudo o juro em breve (*sic*)
sacerdotis: missão de S. Miguel de Unna 2 de Maio de 1728 annos.
Padre Frey Joseph do Desterro missionário”.

O sêlo brando da missão saiu pouco nítido. Esta certidão veio
anexada a um documento de 20 de fevereiro de 1734.